



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2009/2010**

**Londrina-PR, 22 de junho de 2009**

Meu caro companheiro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e sua esposa Cristina Stephanes,

Meu querido companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, e sua senhora Gleisi Roffmann,

Meu caro Orlando Pessuti – você é bem melhor do que a análise que o Requião faz de você.

Meu caro companheiro Osmar Dias, senador da República,

Nossos companheiros deputados federais Alex Canziani, André Vargas, Assis do Couto, Ratinho Júnior, Ricardo Barros, Rodrigo Rocha Loures, Odílio Balbinotti e Wilson Picler,

Meu companheiro Barbosa Neto, prefeito de Londrina, por meio de quem quero cumprimentar a todos os prefeitos da região aqui presentes,

Vereador Padre Roque, presidente da Câmara Municipal de Londrina, por meio de quem cumprimento os vereadores da região,

Nosso querido Walter Bianchini,

Meus amigos presidente do Sindicato dos Produtores Rurais do Estado do Paraná, presidentes de cooperativas,

Meus companheiros e companheiras da imprensa,

Hoje é um dia importante para mim, como presidente da República,



importante para o meu governo, importante para o Paraná e importante para o Brasil. Hoje nós começamos, numa cidade pequena aqui próxima, chamada Congonhinhas, onde nós fomos comemorar o Programa Luz para Todos, que atingiu 2 milhões e quarenta mil casas que nós colocamos energia elétrica, desde 2004. Parece pouco, mas são dez milhões de pessoas que nesses últimos 4 anos apagaram o candeeiro e tiveram acesso ao século XXI, porque até então eles estavam no século XVIII.

E esse Programa, só para vocês terem ideia de alguns números, que são muito marcantes, e ele vem complementar os números auspiciosos ditos aqui pela Dilma Rousseff e pelo ministro Reinhold Stephanes. Só para vocês terem ideia, o programa que começou em 2004, nós já investimos R\$ 9 bilhões e 800 milhões no programa Luz para Todos. Só para vocês saberem o volume de emprego que o programa gerou no Brasil inteiro nesses quatro anos, aproximadamente 300 mil empregos foi o que o programa Luz para Todos gerou no Brasil nesse período.

Foram implantados 4 milhões e 620 mil postes. Nós utilizamos 883 mil quilômetros de fio e utilizamos 708 mil transformadores. Imaginem o que significa 4 milhões 620 mil postes, 883 mil quilômetros de fios e 708 mil transformadores no programa Luz para Todos. Alguns estados, nós já passamos a meta estabelecida pelo IBGE: Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. E os estados que nós não atingimos foram os estados em que a gente tinha empresas de energia federalizadas e que não funcionavam corretamente.

O governo federal federalizou ela há algum tempo atrás para privatizá-las. Como elas não eram rentáveis, não privatizou e elas ficaram sendo cabide de empregos porque o governo federal tomava posse e quem indicava os cargos para as empresas eram os governos dos estados, os deputados da



região, e nós descobrimos que essas empresas estavam dando 1 bilhão e 800 milhões de déficit por ano para os cofres da Eletrobrás.

Eu então tomei uma decisão de chamar os governadores dos estados que tinham as empresas federalizadas e fiz uma proposta honesta e simples para eles: vocês querem indicar a direção? Então nós devolvemos as empresas para vocês e vocês arcam com o custo e benefício. Se tiver lucro, maravilha. Se tiver prejuízo, vocês pagam. Ou vocês entregam elas definitivamente para a gente, nós vamos colocar uma administração federal e vamos indicar os diretores. Depois de um ano, todas as empresas passaram a dar lucro, mas essas empresas não conseguiram cumprir as metas do programa Luz para Todos e, este ano, nós vamos tirar a diferença e, portanto, nós temos o prazer de dizer que chegaremos ao fim do ano atingindo a meta em todos os estados da Federação. Mas vamos ver o que significa isso, porque o Requião, não sei se para falar aqui no que significa investir na agricultura, precisou falar de boca aberta da Rússia e da China. Eu ultimamente ando de boca aberta, sabe por quê? Porque o Corinthians está ganhando muito. Estou de boca aberta porque estamos em uma fase boa. Mas veja o que significa aqui. Eu estou de boca aberta por quê? Veja só o que significa aqui esse negócio extraordinário: 78% das famílias que receberam energia elétrica do Luz para Todos compraram televisão, 73% compraram geladeira, 44% compraram equipamento de som. Veja o que significa este percentual em unidades: 1.570.000 televisores, 1.462.000 geladeiras e 894 [mil] aparelhos de som. Ou seja, isso significa uma revolução na vida de 10 milhões de brasileiros que estão próximos da casa da gente, que estão próximos de algumas capitais, que estão próximos de cidades importantes e que eram esquecidos, porque a maioria das pessoas que governaram este país nunca tiveram problema de conviver abaixo da luz de candeeiro, nunca, e, portanto, não sabem como vive uma mãe ou um pai que cuida de sua família à base de luz de candeeiro.

Esse é o primeiro dado de um equívoco que aconteceu neste país



durante muito tempo. Aqui neste país se construía uma hidrelétrica e, às vezes, a cinco quilômetros da hidrelétrica tinha famílias pobres vivendo sem energia elétrica. Porque as pessoas não viam, porque os pobres no Brasil são muito lembrados em época de eleição. Em época de eleição pobre vale mais do que fazendeiro, mais do que banqueiro e mais do que empresário porque são a maioria. Só que depois das eleições as pessoas esquecem.

O que nós queremos fazer? Nós queremos mostrar que é possível este país crescer, os ricos continuarem ricos e os pobres melhorarem de vida para se transformar em cidadãos de classe média, consumidores, que vai fazer com que as pessoas que produzam ganhem ainda mais dinheiro. É uma lógica tão simples de ser entendida e que, muitas vezes, nós dificultamos, porque muitas vezes nós colocamos o discurso na frente da realidade.

Na última sexta-feira, eu fui ao Mato Grosso e foi lá que eu disse a frase “que não era possível chamar de bandido aqueles que na década de 70 desmataram, porque a ordem e a palavra de ordem e o financiamento era para desmatar”. Quem não lembra, quando o Geisel levou milhares de gaúchos, não sei se paranaenses, para a Amazônia, para desmatar. Agora, preste atenção, nós também temos que olhar em função da realidade de cada região deste país. Você não pode pegar um estado que tem a agricultura pronta, que desmatou na década de 30, na década de 40, 50, 60, e dizer: Agora vamos botar tudo, acaba com tudo, vamos replantar tudo o que tinha antes para a gente começar de novo. Assim não vale.

O que nós temos que fazer? Primeiro, eu tenho discutido com o ministro Reinhold Stephanes e nós precisamos ter políticas de florestamento neste país. Nós temos milhões de hectares de terras degradadas, que nós precisamos ter uma política. Da mesma forma, sabe, que nós queremos preservar, nós temos que pagar para preservar, nós temos que pagar para a pessoa preservar a sua terra. E nós temos que pagar para as pessoas plantarem. Se um (incompreensível) a gente pagou... Eu estava vendo porque em Nova Iorque...



é engraçado, quando as coisas acontecem no exterior é tudo bonito. Esses dias, eu estava vendo o Globo Rural e estava passando a água de Nova Iorque. E a Prefeitura de Nova Iorque, ela paga para que o produtor não tenha uma pocilga no riacho. Ela paga para ele fazer um tanque bem distante, ela paga para que a vaca não atravesse no riachinho para a água chegar limpa, lá em Nova Iorque. A Prefeitura paga.

Nós, aqui no Brasil, apenas proibimos. E vocês já viram aquelas plaquinhas nas gramas: é proibido pisar? É uma provocação para a gente pisar. É uma provocação. Então eu penso que ao invés de a gente ficar apenas tentando proibir, é preciso que a gente tenha imaginação fértil, coloque a nossa criatividade para funcionar para a gente saber o seguinte: é inexorável, este país finalmente vai ser o celeiro do mundo, é inexorável. Porque tem mais chinês comendo, tem mais africano comendo, mais brasileiro comendo, mais indiano comendo, o mundo está comendo mais. E quando você olha o mapa do mundo, você percebe que não tem um país que tem a quantidade de terra pronta para agricultura como tem o Brasil, que tem sol o ano inteiro, que tem chuva, que tem uma série de coisas, tecnologia de ponta.

Lógico que nós não estamos sozinhos. Nós temos inimigos, nós temos adversários, nós temos gente que vai lá fora dizer que a nossa carne não presta. Nós temos gente que vai dizer que a nossa soja é isso, que nosso milho é aquilo, que nosso etanol é o responsável pelo encarecimento do alimento. Não pense que isso é de graça. Esse é um discurso ideológico dos nossos adversários. Por que a Shell tem interesse em que a gente produza mais álcool? Por que a Esso tem interesse em que a gente produza biodiesel?

A Dilma sabe, nem a Petrobras gostava da ideia. Para a gente colocar o programa do biodiesel foi quase uma imposição do governo, já que somos nós que indicamos os companheiros da Petrobras para a diretoria. Ora, imaginem uma coisa: vocês todos aqui sabem porque o Brasil criou o Pró-Álcool, todo mundo sabe. Não foi nenhum ato de genialidade. Sobretudo o Reinhold



Stephanes sabe perfeitamente bem. Nós tínhamos o açúcar com o preço extraordinário no mercado internacional, na década de 70. Todo mundo “danou” a plantar cana neste país, e sobretudo no estado de São Paulo, aí o preço do açúcar despenca. O que vai fazer com o álcool ou com a cana-de-açúcar? Graças a Deus se pensou em fazer o Pró-Álcool. Até 1990, a gente teve quase toda a frota de carro brasileiro a álcool e as pessoas não gostavam. Aqui em Londrina deveria ser assim, porque dizem que quando estava muito frio o “desgramado” demorava para pegar, então as pessoas não gostavam. Mas nós tivemos quase 90% da frota a álcool. De 90 a 2000 desmontou tudo.

Outro dia falaram que eu estava elogiando usineiros, porque eu disse que eles estão sendo tratados com cidadania hoje, porque até outro dia eram tratados como os bandidos da indústria brasileira. Falar de usineiro, ninguém queria saber, porque era aquele negócio de só tomar dinheiro emprestado do governo, não pagar, não prestar conta, era uma loucura aquilo. O que está acontecendo hoje neste país? Depois que o álcool deixou de ser combustível para carro e a indústria automobilística não produzia mais nenhum carro, nós fizemos um pacto. E o que resultou deste pacto? Noventa e oito por cento dos carros vendidos no mercado interno hoje são carros flex fuel. Eles utilizam álcool, ou gasolina, ou meio a meio, a gente faz a mistura que a gente quiser. E temos que produzir mais, porque nós precisamos disputar o etanol é no mercado externo, porque eles assinam o Protocolo de Quioto, porque eles assinam “mais não sei o que lá”. Protocolo, agora, vai ter um outro de Copenhague. E querem que a gente preserve as nossas florestas. Nós vamos preservar. Agora, não metam o dedo sujo de combustível fóssil no nosso combustível limpo, não metam. Deixem que a gente vai saber cuidar disso com muito carinho. E, para isso, nós estamos fazendo o zoneamento agroecológico.

Obviamente, eu tenho dito também que hoje a gente preservar, manter o nosso ecossistema e manter a biodiversidade é uma vantagem comparativa para nós na disputa no mercado internacional. Quem viaja o mundo para



comercializar sabe que preservar hoje é uma vantagem comparativa para nós. É mais qualidade, é mais respeito. Porque não pensem que nós estamos sozinhos. A campanha no mundo é uma campanha muito dura. Eu, inocente, eu fui a Genebra da outra vez, o ano passado, quando eu cheguei lá me chamaram para um debate, a primeira coisa que eu ouço é que o etanol brasileiro era o responsável pelo preço da soja em maio e em junho do ano passado, quando subiu de forma excepcional; pelo preço do feijão, que não é nem exportado.

Aí, nós temos que pegar o mapa do Brasil, mostrar que apenas 1% do território brasileiro é utilizado cana-de-açúcar, que nós temos 360 mil de terras na Amazônia que estão preservadas, que nós temos 60 milhões de hectares para recuperar. E é preciso contar toda uma história. Porque quando vem uma Primeira-Ministra alemã no Brasil, conversar comigo, a primeira coisa que ela quer saber é: “como é que anda a Amazônia? A soja está tomando conta da Amazônia? O gado está tomando conta da Amazônia? O milho está tomando conta da Amazônia? A cana...” Ou seja... E eu, educadamente, não pergunto para ela: se você está tão preocupada em preservar, por que “depelou” o seu país? Por que não manteve as florestas em pé lá?

Agora, tem uma coisa que é importante para nós. Hoje, nós temos que aproveitar que nós temos essa extraordinária floresta tropical em pé para fazer dela uma forma de ganhar dinheiro. Eu, inclusive, Requião, estou criando, acho que você... não sei se a Copel já criou, estou criando uma Secretaria Especial de Crédito de Carbono, porque cada projeto de uma usina que a gente fizer, cada projeto de uma empresa de biodiesel que a gente fizer, cada hidrelétrica que a gente fizer, a gente pode entrar com um pedido para que eles paguem o sequestro de carbono que nós vamos fazer e a diminuição da emissão de gás de efeito estufa. O que nós precisamos é nos preparar para esse enfrentamento. Porque, daqui a pouco, vai ter neguinho dizendo: “A Amazônia é internacional”. A Amazônia é de brasileiros e brasileiras, de negros e



brancos.

Então, eu acho que nós precisamos ficar atentos. Nós precisamos ficar atentos nesse debate, que ele é muito delicado. Ele é muito delicado. Inclusive para empréstimo de dinheiro a empresas brasileiras, temos (incompreensível) de financiamentos multilaterais. Eles vão criando o gado e nós temos que fazer as coisas certas para que a gente tenha vantagem.

Obviamente, veja, eu acho um absurdo as pessoas derrubarem a mata ciliar. Eu acho um absurdo, porque qualquer criança de escola, no ensino fundamental, já tem consciência que se a gente “depelar” até a beira do rio vai ter erosão, conseqüentemente aquele rio, logo, logo, vai deixar de ser perene, com prejuízo para todo mundo. E nós não temos o direito...

Eu, agora, fui jogar peixe na represa Billings e, depois de um teste feito pelo Ministério da Pesca, eu não posso criar peixe lá, sabe por quê? É o único lugar que eu tenho para pescar quando eu não for mais Presidente, é a Represa Billings, lá em São Bernardo do Campo. Ela tem 123 quilômetros quadrados. Agora, só uma pergunta: qual foi o engraçadinho que achou que era dono do País, pegou chumbo – uma empresa de mercúrio, melhor – e poluiu a empresa [represa] toda de mercúrio. A gente não pode comer um peixe melhor, porque o peixe come mercúrio que está no fundo da lama. Olha, com que direito o cidadão, por ser empresário, tem o direito de poluir um bem coletivo de toda uma cidade ou de toda uma região? Não é possível nós aceitarmos isso como se fosse desenvolvimento. Isso é um retrocesso.

Então eu penso que hoje nós não precisamos mais ideologizar esses temas e sentar em torno de uma mesa e discutir como é que a gente faz e melhor. Eu estou vendo aqui os nossos premiados. E eu lembro como se fosse hoje, a Dilma participou quando nós fomos aprovar o projeto da hidrelétrica do Rio Madeira, Santo Antônio e Juruá... Jirau. A briga, vocês não queiram imaginar, não queiram imaginar o que nós perdemos de meses discutindo os grãos de areia que estavam no fundo do rio. Não queiram imaginar.





Precisamos contratar o melhor professor do mundo nessa matéria, que era um indiano que veio dos Estados Unidos, me entregou um pote de areia de fundo do mar para mostrar como é que a areia corria, que não ia fazer isso, que não ia fazer aquilo.

Quando nós resolvemos o problema da areia, me chega outro e diz dos peixes, que tinha muito bagre e que os bagrinhos não iam conseguir nadar, para represar lá nos Andes, aquele negócio todo. Eu me comprometi, quando deixar a Presidência, comprar uma canoa, pegar os bagrinhos, colocar na canoa, levar do outro lado e trazê-los de volta. Não, não.

Quando a pessoa, Requião, estava falando que a gente não podia fazer hidrelétrica por causa dos bagres, eu perguntei: que bagres? Talvez ela não tivesse lembrado, mas ela não conhecia um nome de um bagre. E eu falei: é o mandi-chorão que você está falando? É o bagre africano? É o pintado? É a pirarara? É o cachara? Ou seja, porque, na verdade, era uma coisa muito teórica. E eu peguei um companheiro nosso, Requião, lá de Campo Grande, o Jaime, do projeto Pacu, que é o maior criador de peixe hoje, em cativeiro, no Brasil, e ele cria todos esses bagres lá no rio Madeira, onde a gente está fazendo a hidrelétrica, em cativeiro. E eu tenho lá no lago do Alvorada, não no lago grande, o lago pequeno lá dentro, eu tenho peixe de 20 quilos.

Então, conseguimos. Conseguimos finalmente. Quando estava tudo pronto apareceu alguém para dizer o seguinte: olha, mas não pode porque tem uma poça d'água lá que tem mercúrio e não pode fazer hidrelétrica. Tivemos que pegar o Ministério da Saúde e colocar uma equipe para ir lá. Ficava mais barato assentar as famílias em um prédio de cobertura em Copacabana do que não fazer hidrelétrica. Tivemos que mostrar que não tinha. Finalmente nós começamos as duas hidrelétricas.

Eu estou dizendo isso para vocês porque quando a gente reforça a carga ideológica no debate... hoje a gente não deve ficar debatendo se é preciso desmatar ou não desmatar. É correto que a gente desmate o que for



necessário, e que a gente cumpra determinadas regras. Porque também, vamos ser francos, a gente aqui não sente muito, mas às vezes um cidadão do Sul do País ir lá para o Acre, comprar uma quantidade de terras que ele não conhece, chega lá, contrata 50 jagunços, manda tocar fogo, toca fogo em tudo, pensando que vai dar capim, e nem capim vai dar.

É preciso que tenha o estudo do solo correto, é preciso saber se aquilo vai produzir alguma coisa. Porque nós somos um país civilizado, e hoje o Brasil não é um país marginal. Hoje ninguém fala mais que o Brasil é um país pobre, é um país de terceiro mundo. Hoje, este país é convidado para participar do G-8, do G-20, do G-14, do G-13, do G-5, ou seja, este país tem importância política. E isso aumenta a nossa responsabilidade. Aumenta a responsabilidade de um trabalhador humilde, de um trabalhador sem-terra e do maior fazendeiro deste país. Aumenta. Todos nós vamos ter que ter mais responsabilidade, para que a gente utilize a tecnologia para ela substituir a quantidade de terra que nós precisamos para fazer as coisas.

Hoje, a gente deve se lembrar sempre, de vez em quando alguém fala: “O preço da carne está barato”. Mas é importante lembrar que teve um tempo que a gente demorava 48 meses para abater um boi. Hoje, com 18 meses a gente está abatendo, se for criado corretamente. Antigamente a gente colhia uma quantidade de produto por hectare que hoje a gente está colhendo dez vezes mais. Tudo isso é lucro, tudo isso é vantagem do Brasil na competitividade.

Vocês sabem que outro dia eu perguntei para o Furlan quanto tempo demorava um frango. Pouco tempo atrás era 90 dias para matar um frango, hoje já está com menos de 40 dias, daqui a pouco ele nem nasce, a gente já pega ele do ovo e já come, tal é a rapidez do avanço tecnológico.

Então, companheiros, nós precisamos, neste momento, é mais sabedoria do governo. Eu estava cansado. Eu estava cansado de ver a briga, porque governo é que nem mãe. Vocês já viram uma mãe, quando tem dois



filhos que querem a mesma coisa, ou seja, que querem coisas diferentes? Um fala: “Eu quero ir para Nova Iorque”. O outro fala: “Eu quero ir para Londrina”. A mãe está em São Paulo, ou está em Pernambuco, ou seja, quem que a mãe atende? Ela não vai poder privilegiar um, ela vai ter que convencer e tentar mediar, para que a gente... pode não ir a Londrina, ou a Nova Iorque, mas a gente vai em algum lugar.

O governo é a mesma coisa. Eu estava cansado. Quando tem seca, a culpa é do governo. Quando estraga, a culpa é do governo. E eu fiquei: meu Deus, pelo amor de Deus, assuma um pouco desta culpa, meu Deus, distribua comigo, distribua comigo. Eu fui a Itajaí, porque estava há três meses caindo água lá, acabando com Santa Catarina e, Chapecó, a seca acabando com Santa Catarina. Hoje você vê o Rio Grande do Sul com seca e o Nordeste morrendo afogado. Ou seja... e essas coisas a gente tem uma facilidade enorme de culpar as pessoas, sabe? Então o governo culpa vocês e vocês culpam o governo e eu acho que é preciso parar com isso e tentar saber o seguinte: qual é o ponto de equilíbrio? Qual é o ponto de equilíbrio? O ponto de equilíbrio é quando a gente estabelece uma regulação capaz de dar tranquilidade a vocês para não ficar dependendo, a cada vez que tem uma crise, do governo. Por isso que o Congresso tem que aprovar um fundo contra catástrofe, urgentemente. Por isso que o seguro agrícola tem que ser fortalecido, para parar com essa história de alguém culpar alguém.

Ou seja, o que nós precisamos é saber o seguinte: o que nós poderemos construir por este país agora. O País entrou em uma outra esfera. Vocês sabem – muita gente não acreditava – mas nós fomos para a China, agora. Agora encontrei os companheiros que produziam... que produzem frango aqui, falou: “presidente, fechamos o negócio”. Agora, isso é muito trabalho. Quantas vezes os ministros foram na China? Quantas vezes os empresários foram na China? E quando a gente vira as costas chega o outro



que quer vender também. Chega o outro que quer vender. Não somos nós sozinhos.

Eu estou sendo processado por um cidadão que cria porco lá em Santa Catarina, porque ele disse... O Estadão publicou a matéria dele dizendo que ele vendia carne com facilidade para a Rússia, porque ele corrompia os russos. Ora, isso foi publicado em manchete no Estadão de São Paulo. Os russos simplesmente pararam de comprar carne. Eu fui em um debate, eu disse isso, não sabia que ele estava lá, mas eu disse, e ele então está me processando. Eu só vou mandar na minha defesa o recorte de jornal que ele falou.

Essa coisa é muito delicada. E o que eles têm para inventar contra nós? O controle sanitário. Por isso eu falei para o Reinhold: olha, não vai ter [falta de] dinheiro para fazer a fiscalização sanitária. Não vai ter falta de dinheiro. Pode ficar tranquilo, Reinhold, vamos fazer. Porque ou o Brasil age assim, ou o Brasil está disputando com mega países. Não seria muito mais fácil o Bush comprar o nosso álcool quando ele começou a criar o programa dele de etanol do milho, do que produzir de milho? Por que ele não comprou, que era muito mais barato e mais eficiente? É porque ele está preocupado com os votos, porque os produtores agrícolas americanos votam como votam os nossos. Então ele pega uma coisa que é alimento animal, ração animal e ração humana, porque na América Central e no México se come *tortilla* como nunca, sabe, e resolveu produzir etanol. Obviamente que isso é uma coisa grave, quando poderia financiar na África, financiar na América Central a produção de etanol, ou fazer parceria aqui no Brasil, com os nossos empresários.

Então, é uma disputa que nós vamos ter em todas as esferas. Todas as esferas nós vamos ter. Não pensem que será fácil. Eu posso levar álcool para lá brilhando a ouro, com cheiro de perfume francês, eles vão dizer: “Está desmatando a Amazônia”. Eles vão dizer: “Tem trabalho...”. Até trabalho escravo eles disseram que tem.

Agora, qual foi a resposta que nós demos para eles, Reinhold? Essa



semana nós vamos assinar, lá em Brasília, com mais de cem empresários do etanol, e os trabalhadores, uma carta-compromisso com algumas coisas que todo mundo tem que fazer. Não é possível um trabalhador rural ficar sem ter um banheiro para ir, ficar fazendo as suas necessidades no meio do mato; não é possível que ele não tenha uma comida quentinha para comer na hora; não é possível que ele não tenha água gelada para beber. Ou seja, isso é o mínimo de cidadania que nós precisamos dar para dizer para os outros: comprem o nosso álcool. Senão, eles não comprem. E eu acho, Requião, companheiro Reinhold Stephanes, empresários, eu penso que nós estamos chegando nesse ponto de equilíbrio, para construir uma coisa que seja sensata para todo mundo.

Hoje eu dizia lá num encontro, lá, sabe, essa história de que a agricultura familiar e o agronegócio não combinam é uma farsa que eu não sei quem inventou. O Brasil precisa das duas. O governo e a nação depende dos dois, depende dos dois. Então, para que inventar essa falsa briga? Por que não estabelecer uma relação?

Veja, nós lançamos o Programa Mais Alimentos em junho do ano passado, não tinha chegado a crise no Brasil ainda. Sabe quantos tratores foram vendidos, em dez meses? Onze mil tratores. Esses 11 mil tratores significam 75% da produção de tratores neste país. E a gente lançou antes da crise. O PAC, a gente lançou antes da crise.

Na verdade, o que nós estamos fazendo na crise é fazer políticas anticíclicas para poder fazer alguns reparos, ir fazendo ajustes, fazendo ajustes. Porque eu não tenho dúvida nenhuma que o Brasil foi o último a entrar e vai ser o primeiro a sair. Agora, o que nós não podemos é ter medo, o que nós não podemos é nos acovardar. Ou seja, se... Imaginem um urso que está hibernando, aquele ursão grande, em uma caverna gelada, ou seja, que são os Estados Unidos e a Europa. Quando eles acordarem, Requião, eles vão querer comprar coisas, e este país tem que estar preparado para produzir e para



vender, para ganhar dinheiro, para fortalecer a nossa indústria.

E nós não podemos deixar que os nossos agricultores fiquem na mão de três ou quatro (incompreensível), que na hora do “pega prá capar”, correm e deixam os agricultores na mão. Por isso que o estado tem que se preocupar. E é por isso que, orgulhosamente, eu estou aqui para anunciar e ouvir o Reinhold Stephanes falar do maior programa para a agricultura brasileira da história deste país. É com muito orgulho que eu participo deste dia aqui na cidade de Londrina.

Veja que engraçado: em dezembro do ano passado, quando saiu o número do desemprego, o meu ministro do Trabalho falou assim para mim: “Presidente, nós tivemos um grande desemprego e a maioria dele foi na agricultura”. Agora, hoje, Requião, eu recebi os números do Caged. No mês de maio, foram criados 131 mil empregos positivos. Onde se criou mais? Na agricultura: 53 mil empregos na agricultura no mês de maio e 49 [mil] no setor de serviço e 17 [mil] na construção civil e 14 mil no comércio. Isso significa aquilo que o Requião disse. Ou seja, a agricultura responde muito rapidamente. O feijão você colhe com 90 dias, a soja você colhe com quatro meses. Ou seja, portanto, tudo que a gente quiser plantar... Só pé de jabuticaba não irrigado, que demora 17 anos para dar. Mas, no resto, dá com muita facilidade. E o Brasil não pode prescindir em fazer essa discussão xenófoba.

Por isso, eu quero terminar dizendo a vocês o seguinte: olhem, eu espero que vocês não acreditem em todos os números que foram falados aqui, porque esses números só serão verdadeiros se eles forem executados. E para serem executados é preciso que vocês cobrem do Reinhold, para que ele cobre do Paulo Bernardo, para que o Paulo Bernardo cobre do Guido e para que o Guido venha pedir para mim se vai liberar ou não.

Porque entre a gente decidir liberar e liberar tem uma distância. É preciso colocar um termômetro, Reinhold, lá na sua sala, que diga qual é o período de plantar, qual é o período de colher, qual é o período de vender, para



a gente fazer com que o dinheiro saia na época certa que as pessoas precisam, senão o Plano é maravilhoso, mas ele não será executado como muitos outros que foram feitos neste país.

No mais, eu quero me despedir de vocês dizendo que eu tinha sido convidado para um almoço, cheguei aqui um pouco atrasado, estou 6h20 sem almoçar, tinha que estar no Rio de Janeiro às 7h, ainda estou aqui, portanto o que eu quero é o seguinte: pelo amor de Deus, gente, plantem, plantem, plantem, porque o Brasil vai precisar, e muito, da nossa agricultura, para que a gente saia desta crise mais forte e muito mais robusto.

Um abraço, e boa sorte a todos vocês, agricultores brasileiros.

(\$211A)